

ores ficam cada vez mais endividados

ARQUIVO JB



Grevistas do ABC: tempo em que ainda sobravam empregos

■ Os metalúrgicos já foram bons de salário e de briga

Ariverson Feltrin

Quem vive de passado é museu, reza um ditado que se emprega para depreciar os saudosistas. Só que passado de mesa farta é muito difícil de ser esquecido.

É o caso de S. A. (o nome completo foi resguardado a pedido do entrevistado), 24 anos, ex-metalúrgico da Volkswagen do Brasil, que, vítima do enxugamento da estrutura da indústria automobilística, ganha hoje — como empacotador numa loja de varejo de material de construção — um terço do que punha no bolso há quatro anos.

“Coisas como lavar roupa e comer miojo passaram a fazer parte da minha nova realidade”

— Minha vida mudou totalmente. Viajava, comia fora, ia três vezes por semana ao motel, tinha carro. Agora, ando a pé, moro com os pais, vivo uma vida muito mais difícil materialmente — confessa ele.

Há quatro anos, S. A. ingressou na fábrica de São Bernardo do Campo da Volkswagen, uma das montadoras preferidas para as manifestações sindicais dos anos 80, tendo à frente o ex-metalúrgico e atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. O jovem foi trabalhar no chamado PA, Peças e Acessórios, um prédio de estrutura gigantesca que a empresa mantinha no ABC paulista com um quadro de 2 mil funcionários.

O salário de carteira do jovem S. A. girava ao redor de R\$ 2 mil. Mais uma carrada de benefícios: vale transporte, convênio médico de primeira linha, PRL (participação nos resultados e lucros). — Pois bem, seis meses depois que entrei, terceirizaram o PA. Passei para a empresa terceirizada com um terço que ganhava na Volks — diz o personagem, que prefere não revelar o nome porque diz ainda ter esperança de voltar a trabalhar na montadora.

Para reduzir custos, além da operação terceirizada, a Volkswagen opera a área de peças e acessórios num enorme prédio alugado e construído sob medida para armazenagem em Vinhedo, interior paulista. — Em Vinhedo, sobrava pouco dinheiro. Dividia uma casa com três pessoas para o aluguel não pesar tanto — diz o ex-metalúrgico. — Duas coisas que nunca

tinha feito, que são lavar roupa e comer miojo, passei a fazer para enfrentar a nova realidade.

Outro profissional da indústria automobilística, Ivan Alves da Silva, 52 anos, após 16 anos trabalhando na Scania, deixou a empresa e começou um calvário.

— Ganhava na época o equivalente a US\$ 2,5 mil. A indenização serviu para comprar uma casa para a mulher e dois filhos mais um apartamento onde moro — diz Silva, que era analista sênior de vendas de motores. — Não reclamo da Scania, uma empresa formidável. O problema foi que ao sair da empresa, no início dos anos 90, meu mundo caiu — afirma.

Depressão, compulsão por comida, separação conjugal vieram depois do episódio. — Comia sem parar. Cheguei a engordar 40 quilos — diz Silva, que, depois de muito vagar pelo mundo, sem rumo, julga ter encontrado um caminho. — Dos que saíram comigo, sou um dos poucos que continua na ativa e curtindo um hobby de áudio e som — diz ele, que trabalha no setor de vendas de uma transportadora no ABC paulista com salário 50% menor do recebido na época da montadora. — Com 52 anos de idade, depois de penar muito, creio que devo desfrutar de certos prazeres, e o hobby de áudio e som é uma curtição que integra minha vida.

Já o ex-metalúrgico e hoje presidente Lula, ao discursar na cerimônia de comemoração de 15 milhões de carros produzidos pela Volkswagen, alertou os diri-

“Sem empregos, cai na depressão e compulsão por comida. Aí, surgiu a separação conjugal”

gentes sindicais para que procurassem negociar, entender a nova situação globalizada, caso contrário “vão acabar falando na porta de fábrica para meia dúzia de vendedores de pipoca”.

O mundo mudou, certamente, cada empregado faz hoje 30 carros por ano — dez vezes mais do que há 50 anos — e a tendência é que tal produtividade seja ainda maior para enfrentar a competição mundial. Ao dizer em outras palavras que “quem fica parado é poste”, Lula certamente transmitiu aos sindicalistas um alerta e um alento: manter empregos (tão importante quanto criar) implica em negociar à exaustão.